

*"A EMANCIPAÇÃO DOS TRABALHADORES SERÁ OBRA DOS PRÓPRIOS TRABALHADORES." (KARL MARX)*

Nelson Jr./SCO/STF



# Judiciário exposto

Prisão de Lula  
e crise no Estado

PÁG 3

Marielle e  
investigação  
independente

PÁG 2

## POLÊMICA

# Por uma investigação independente sobre a execução de Marielle

JOHANNES HALTER  
haltercontato@gmail.com

Após uma indefinição inicial, a Polícia Civil assumiu o comando das apurações sobre os assassinatos de Marielle Franco e de Anderson Gomes. Diante dos traços nítidos de execução e de envolvimento de agentes do Estado, uma campanha internacional foi lançada pedindo a criação de uma comissão de juristas e defensores dos direitos humanos para realizar uma investigação independente. Essa iniciativa atraiu apoio de várias figuras públicas pelo mundo, com adesão de muitos brasileiros.

Cabe frisar o sentido em que apontam seus signatários. Muitos dos que estão aderindo à campanha estão sensibilizados pela brutalidade do crime e por seus significados políticos. A campanha, que pede a apuração independente, revela a contradição de exigir uma investigação imparcial dos agentes da polícia e do Estado, que são alguns dos principais suspeitos dos crimes.

Estão colocadas também duas análises distintas sobre as motivações dos crimes. A



Execução de Marielle despertou mobilizações em várias cidades do país

Executiva Nacional do PSOL analisa que “Marielle foi assassinada por ser negra, mulher, trabalhadora, moradora de favela, bissexual e também por ser lutadora, de esquerda, de um partido socialista que defendia a pauta dos direitos humanos e causa dos oprimidos e explorados.” Já a campanha internacional observa que “O ativismo de Marielle fez com que ela ganhasse muitos inimigos poderosos (...) Ela era uma das principais vozes

contrárias à intervenção militar no Rio de Janeiro e era relatora da Comissão que acompanharia a intervenção na cidade.”

Essas diferenças aparentemente sutis revelam posições políticas diferentes que conduzem a medidas de ação distintas. O chamado à campanha internacional, que teve a adesão imediata da Esquerda Marxista, questiona o papel do aparato de Estado, tanto de suas instituições quanto de seus agentes. Analisa a execução de Marielle sob o plano principal dos poderosos interesses inseridos na luta de classes que envolve crime organizado, empresas, polícia e políticos.

Dessa forma, indiretamente essa campanha questiona as bases da República brasileira, expressando a desconfiança em suas instituições e agentes. Nós nos somamos às vozes que exigem uma investigação independente. E explicamos que a execução de Marielle evidencia a necessidade da auto-organização da população, realizando sua própria defesa se for necessário. Somente isso pode garantir que o desafio à impunidade e a superação da violência urbana, valentemente apontadas por Marielle, tornem-se realidade.



## Partidos de esquerda, “democracia” e a execução de Marielle

PEDRO BERNARDES  
pedrobernardesneto@gmail.com

Frente à podridão escancarada do Estado burguês, que recentemente expressou de modo voraz suas entranhas corroídas com a execução de Marielle, mais uma vez desmoram as ilusões das massas da classe trabalhadora nas instituições burguesas (sistema político, Poder Judiciário, Polícia Militar e Civil etc.)

Apesar de representar uma oportunidade gigantesca para demonstrar a falência deste sistema e a necessidade de sua superação, as principais organizações e partidos políticos brasileiros decidem pela linha de se dirigir a essas instituições desgastadas e exigir-lhes... justiça.

O PT e a CUT exigem “urgência, rigor e justiça aos órgãos responsáveis pela apuração deste crime hediondo e a punição dos culpados, bem como a devida proteção às demais lideranças populares.” Mas não foram essas mesmas instituições que deixaram Marielle ser assassinada?

O PSTU “se soma à exigência de investigação e punição dos assassinos e seus mandantes.” A CSP-Conlutas, dirigida pelo PSTU, chama a “desmilitarização da PM”. Exigir apuração do assassinato a quem o cometeu? Mesmo o PSOL, partido de Marielle, vai na mesma linha de exigência de “apuração imediata e rigorosa desse crime hediondo.”

O PCdoB expressa sem nenhuma vergonha a linha conciliatória e se utiliza da execução de Marielle para chamar à conciliação de clas-

ses: “Dramaticamente reforça a necessidade de união de amplas forças políticas para restaurarmos a democracia e com ela o direito do povo a segurança e a paz.” É quando a classe trabalhadora teve esse direito a segurança e paz? Ninguém sabe.

Todos os partidos aqui citados defendem o socialismo em discurso. Contudo, num contexto de absoluta falência das instituições burguesas e de intensa polarização da luta de classes, qualquer socialista que se preze estaria nas ruas aos gritos pela extinção da Polícia Militar e exigindo apuração independente do caso. Esse é o sentido da campanha “Exigimos Justiça para Marielle Franco”, assinado por parlamentares e intelectuais do mundo inteiro, e que conta com a participação da Esquerda Marxista. que propõe a criação de uma comissão independente composta por juristas e defensores dos direitos humanos, que conte com acesso aos dados policiais e judiciais da investigação.

## Quem Somos

A Esquerda Marxista (EM) é uma organização revolucionária de luta pelo socialismo.

Como seção brasileira da Corrente Marxista Internacional (CMI), participamos em todo o mundo da luta pela abolição do capitalismo e pela República Socialista Universal dos Conselhos.

Lutamos contra a colaboração de classes dos reformistas. Mas, nada temos a ver com os ultraesquerdistas que se dedicam ao divisionismo e ao denunciamento impotente.

Nós lutamos pela unidade e pela independência política da classe trabalhadora. Nosso objetivo é ajudar os trabalhadores e a

juventude revolucionária a construir um partido operário revolucionário e socialista de massas.

A Esquerda Marxista dirigiu as ocupações de fábricas no Brasil lutando por sua estatização sob controle dos trabalhadores. Lutamos por Transporte, Saúde e Educação Públicos e gratuitos para todos. Pela reestatização de tudo o que foi privatizado, contra a criminalização dos movimentos e organizações dos trabalhadores, em defesa das conquistas e reivindicações da classe trabalhadora e da juventude. O capitalismo e seus partidos são nossos inimigos. Lutamos pela revolução e pelo socialismo.

**Foice & Martelo**

**CONSELHO DE REDAÇÃO**  
Serge Goulart, Alex Minoru,  
Luiz Bicalho, Johannes Halter, e  
Evandro Colzani.

**EDITOR**  
Luiz Bicalho

**JORNALISTA RESPONSÁVEL**  
Rafael Prata MTB nº 40040/SP

**DIAGRAMADOR**  
Johannes Halter

jornal@marxismo.org.br  
www.marxismo.org.br

Rua Tabatinguera, 318, Centro  
São Paulo/SP - CEP: 01020-000  
Fone: (11) 3101-8810

## EDITORIAL

# Prisão de Lula: crise aumenta na cúpula do Estado

ESQUERDA MARXISTA  
jornal@marxismo.org.br

Na quarta-feira (4 de abril), o Supremo Tribunal Federal (STF) votou e negou, por maioria, o pedido de Habeas Corpus apresentado pela defesa de Lula. Essa decisão se soma à jurisprudência criada pelo STF em 2016, que autorizou a execução de pena após a condenação em segunda instância. Já no dia seguinte, antes de novos embargos serem apresentados no TRF-4, Sérgio Moro decreta a prisão de Lula. Esses são mais exemplos de abusos do Judiciário.

A própria Constituição diz que “ninguém será considerado culpado até o trânsito em julgado de sentença penal condenatória”. Apesar do texto ser bastante claro, para os ilustres ministros do STF tudo é relativo, pois no fundo a questão é política.

Como temos analisado, o poder judiciário tem se alçado a cumprir um papel bonapartista e totalitário. Com a operação Lava Jato, o objetivo é realizar uma limpeza dos podres poderes da República para salvá-la da desmoralização genera-

lizada e da ira popular. As prisões midiáticas de políticos e empresários são um componente importante para transmitir a impressão de que “agora a justiça está sendo feita”, “os poderosos também estão indo para a cadeia”.

Com Lula e o PT, acrescenta-se o interesse em desmoralizar o conjunto da esquerda e do movimento operário. Afinal, o ex-presidente que foi metalúrgico e sindicalista, de um partido construído pelos trabalhadores, agora vai para a prisão.

A partir de junho de 2013 ficou evidente para a burguesia que o PT não tinha mais capacidade de controlar as massas. Decidiu então pôr fim à época de colaboração de classes, decisão que vem sendo tomada por diferentes burguesias do mundo.

A Esquerda Marxista é contra a condenação e a prisão de Lula sem provas, defendemos seu direito de ser candidato. Entretanto, os governos petistas foram de ataques à classe trabalhadora e de servilismo à burguesia e ao imperialismo. Um exemplo disso é que dos seis ministros que negaram o HC de Lula, cinco foram

indicados pelo próprio Lula ou por Dilma. Um novo governo do PT não traria nada de novo. Por isso apoiamos a candidatura do PSOL e somos contra uma “frente pela democracia”, que junte o PSOL, o PT e partidos burgueses como PSB e PDT, e que se propõe a manter a política de colaboração de classes.

Combatemos as ações de grupelhos de extrema-direita, que se utilizam de métodos fascistas contra militantes de esquerda, como visto nos episódios envolvendo a caravana de Lula na região Sul. Repudiamos as ameaças de setores do exército, evidenciadas pela declaração do general Eduardo Villas Bôas, na véspera do julgamento do STF, posicionando-se contra a “impunidade” e declarando que o Exército Brasileiro “se mantém atento às suas missões institucionais”.

Ao mesmo tempo, afirmamos que não existe hoje base social para sustentar um regime fascista, nem é essa a opção da burguesia e do imperialismo para enfrentar a atual situação. Mesmo um regime militar não teria apoio de amplos setores da população, que



José Cruz/Agência Brasil

Julgamento do STF foi precedido de pressão da opinião pública burguesa

guarda fresca na memória a experiência da Ditadura no país. Majoritariamente a burguesia, através de seus órgãos de imprensa, rechaçou as declarações do general. A Folha de SP em editorial conclui que “Merece forte repúdio, pois, o desserviço prestado por alguém a quem cabe zelar pela obediência do Exército ao comando civil”. O que eles preferem é seguir buscando a renovação de seus quadros políticos, em um regime democrático burguês de crescentes ataques à classe trabalhadora, às liberdades democráticas, com repressão e criminalização.

A indignação é crescente na base, persiste a disposição de luta de jovens

e trabalhadores, como foi visto na vitoriosa greve de servidores municipais de São Paulo e na reação massiva de repúdio à execução de Marielle. O desemprego continua alto, o Congresso Nacional acaba de apresentar o “agronegócio” com mais de 10 bilhões de anistia nas contribuições para o Funrual (Previdência), salários baixos. Tudo isso provocará mais revoltas, greves e manifestações.

É preciso seguir a luta contra o capitalismo e suas instituições. O Estado está a serviço dos negócios da burguesia. É preciso construir uma saída com independência de classe e tendo como norte a abolição do atual regime, ou seja, a revolução socialista.

## NACIONAL

## Um justiça podre

LUIZ BICALHO  
luizbicalho@gmail.com

*Um dia um PM negro  
veio embaçar  
E disse pra eu me pôr  
no meu lugar  
(Racionais, Capitulo  
4, Versículo 3)*

O juiz Sérgio Moro decretou a prisão de Lula, um dia após o STF negar o Habeas Corpus pedido pela defesa. Os advogados de Lula argumentam, com razão, que Moro sequer esperou que eles fossem notificados e conseguissem analisar se poderiam apresentar novo recurso ao TRF-4. Nem aquilo que o STF determinou como devendo ser cumprido, que

é o trânsito em julgado na segunda instância, foi preservado.

O julgamento de Lula é a expressão do que é a “justiça” no mundo capitalista. Que justiça teve Marielle, que justiça têm os que morrem todos os dias pelas balas da PM, dos traficantes e das milícias nos bairros proletários do Brasil? Que justiça têm os 40% de presos que sequer tiveram direito a ver um juiz e estão na cadeia?

No julgamento do STF, a Ministra Rosa fez um discurso a favor da defesa da Constituição. E terminou dizendo que vota com a maioria. Fazendo as contas, a maioria só é a maioria porque ela votou com essa

maioria. Na internet correm as especulações do que fez ela votar. Em última análise, é o peso das classes sociais que determina as decisões políticas que vão sendo tomadas. Rosa se curvou a um interesse maior - a decisão do imperialismo de ter “uma classe política” (seus funcionários que governam os estados) mais limpa, mais apresentável e, de preferência, mais barata que a atual. Se, além disso, quebram os direitos e as organizações que os trabalhadores construíram, melhor ainda. A exploração se torna maior.

*Se diz que moleque  
de rua rouba*

*O governo, a polícia, no  
Brasil quem não rouba?  
Ele só não tem  
diploma pra roubar  
Ele não esconde atrás de  
uma farda suja  
(Racionais, Mágico de Oz)*

Nós opinamos que Lula não deveria obedecer a uma ordem ilegal e que não deveria se entregar em Curitiba. Se isto acontecer, a temperatura política sobe, e o espaço para a luta operária aumenta.

Os ministros do STF, a esta altura da política, quando as greves começam a preocupar (basta ver a greve vitoriosa contra Doria em São Paulo), tremem e não sabem o que fazer. O Minis-

tro Marco Aurélio questionou a forma de proceder da presidente do STF (Carmem Lucia) que garantiu o voto contraditório da Ministra Rosa Weber. Mas Marco Aurélio não teve até agora coragem para julgar uma liminar sobre as ações diretas de inconstitucionalidade que a Presidente do Tribunal segura. Assim tudo fica parado e a podridão do Supremo permite que se veja o odor que exala de todos os tribunais do país.

Moro decretou a prisão de Lula. Uma decisão que os jornais burgueses comemoram, mas temerosos da reação. A última palavra será dada pela mobilização dos trabalhadores e da juventude.

## ELEIÇÕES

# Eleições 2018: A crise e o impasse da burguesia

ADILSON MARIANO  
jornal@marxismo.org.br

As candidaturas da direita, com exceção de Bolsonaro (PSL), não empolgam ninguém. A burguesia está atônita e seus funcionários (a chamada “classe política”) mais ainda. Afinal, as lições da França, da Inglaterra e principalmente da Itália, ecoam nos seus cérebros de toucinho. Os políticos tradicionais, confiáveis, foram varridos e sobram os aventureiros (estilo Bolsonaro) e crescem as alternativas de uma esquerda “não tradicional” como a França Insubmissa de Melechon ou o Corbyn liderando a revolta no Partido Trabalhista. E no Brasil?

Os tradicionais, como Alckmin ou mesmo Rodrigo Maia, são acossados à direita por Álvaro Dias ou Bolsonaro. E não conseguem crescer, assustando a burguesia. Meinelles, que é um representante direto dos banqueiros, filia-se ao PMDB. A burguesia treme ao pensar em saídas como Bolsonaro e Joaquim Barbosa, que não têm programa econômico confiável. A candidatura de Bolsonaro atenderia, inclusive pela força, os interesses da burguesia. Contraditoriamente, na ausência de uma candidatura revolucionária de esquerda, aparece para as massas mais atrasadas como uma candidatura que estaria combatendo esse sistema podre. No entanto, Bolsonaro nada tem de novo. Ao contrário, representa a manutenção do sistema vigente a qualquer custo.

Assim, parte da burguesia sonha que Lula de alguma maneira possa ser candidato e que possa aplicar o programa de Temer. O problema é que o programa de renovação patrocinado pelo Departamento de Estado dos EUA no mundo inteiro (no Brasil, atendendo pelo nome de Operação Lava Jato) limou a candidatura de Lula e também a de Aécio. Lula conseguirá ser candidato? Será preso? As tempestades, depois de conjuradas, são difi-



ceis de segurar. A burguesia vive mais um impasse: a candidatura de Lula, que aparece em primeiro nas pesquisas, embora esteja ameaçada pela condenação sem provas por parte do Judiciário. A liminar do STF sobre o impedimento de candidaturas de quem tenha sido condenado em instância colegiada demonstra uma vez mais a divisão da burguesia que se expressa nas instituições podres do estado burguês.

Na esquerda, a situação não muda muito. Nada parece empolgar de verdade os trabalhadores. Ciro Gomes (PDT), apesar de sua retórica, não passa de mais um burguês que quer manter o essencial de Temer sem os arroubos gramaticais deste. Manoela, do PCdoB, apenas pode figurar se tiver seu nome mantido com o mesmo programa de Lula. Lula promete mudar mundos e fundos, revirar céus e terras e procura manter tudo na maior calma possível, para poder nomear algum banqueiro menos conhecido e continuar a aplicar o programa dele próprio e de Dilma, que privatizou e abriu caminho para uma nova reforma da previdência (não esquecer que ele fez uma em seu governo).

Sobra o PSOL e sobre este se detém os olhos da juventude, inclusive da juventude trabalhadora.

A candidatura de Boulos pelo PSOL, se quiser conquistar corações e mentes e se tornar uma alternativa para as massas, precisa abandonar o reformismo e falar a

verdade aos trabalhadores e à juventude. Precisa combater este sistema moribundo e deixar claro que só a unidade, organização e luta da classe trabalhadora e da juventude poderá resolver seus problemas de maneira definitiva, acabando com o capitalismo e abrindo caminho para o socialismo. E para isso é preciso explicar que não resolveremos nossos problemas nas urnas. Para tal, precisaria adotar um programa que parta da expropriação dos grandes meios de produção e de defesa de todos os direitos dos trabalhadores que vêm sendo suprimidos pelos sucessivos governos, de FHC, Lula, Dilma e agora Temer.

Se o PSOL não cumprir essa tarefa, teremos grande número de abstenções daqueles que não aceitam a direita e nem o reformismo. Na falta de uma alternativa viável para mudar a ordem existente, deixarão de ir às urnas ou votarão nulo e branco. Como temos dito, não existe onda conservadora. O que existe é a ausência de uma direção revolucionária que se conecte com as massas e seja reconhecida por ela. O PSOL poderia se tornar essa ferramenta. Nós da Esquerda Marxista continuaremos combatendo e defendendo que a candidatura do PSOL apresente-se como uma candidatura de luta de classes e revolucionária. Os nossos candidatos nestas eleições apresentam exatamente uma plataforma que procura fazer isso (ver plataforma na página ao lado).

## MULHERES PELO SOCIALISMO

## Mulheres Pelo Socialismo: novos lançamentos e continuidade do movimento

FRANCIS MADLENER  
francismad@gmail.com

Ao longo do mês de março, realizamos uma série de atividades de lançamento do Movimento Mulheres Pelo Socialismo, em diversas cidades. Todas contaram com a participação de diversas mulheres e homens dispostos a construir uma nova ferramenta de luta pela emancipação da mulher trabalhadora, como parte da emancipação de toda humanidade.

Em Florianópolis, a atividade de lançamento aconteceu no dia 13 de março, conduzida pelas camaradas Rosângela e Cristiane. As falas foram ancoradas no Manifesto Mulheres pelo Socialismo e na Plataforma Política de Luta pela Emancipação da Mulher Trabalhadora. A atividade reforçou a razão pela qual decidimos impulsionar a criação deste movimento: a necessidade de discutir questões específicas da mulher trabalhadora associadas à luta de classes e à superação do capitalismo. A Reforma da Previdência foi um dos temas mais presentes no debate, entendido como um ataque cruel e direto às trabalhadoras. Também esteve em discussão a relação da luta por creches públicas com a luta pela emancipação da mulher da classe trabalhadora. No início de maio, as camaradas de Florianópolis voltarão a se reunir.

Em Curitiba, a atividade foi realizada no dia 24 de março, com a apresentação de um vídeo, pela companheira Thalita, sobre o 8 de março, desenvolvido pelos jovens da Liberdade e Luta – núcleo Curitiba e com a fala da camarada Francis. Além de retomar as origens socialistas do Dia Internacional da Mulher Trabalhadora, o informe apresentou as relações entre a opressão das mulheres e o desenvol-

vimento do capitalismo, os avanços conquistados durante a Revolução Russa e a importância do resgate da centralidade da luta de classes e da abolição da exploração da classe trabalhadora como elemento central na luta pela emancipação da mulher. Debateu-se também o equívoco de grupos feministas, que alimentam uma concepção de mulher e de homem genérica, que leva a um entendimento de luta entre os gêneros e não entre as classes sociais.

Nós, do Movimento Mulheres Pelo Socialismo, compreendemos portanto que, assim como nos alertou Clara Zetkin, no texto “O movimento das mulheres socialistas na Alemanha”:

*“A emancipação humana integral de todas as mulheres depende, portanto, da emancipação social do trabalho; o que somente pode ser realizado pela luta de classes contra a exploração da maioria. Portanto, nossas mulheres socialistas se opõem fortemente ao credo das mulheres burguesas de que seus direitos são os direitos das mulheres de todas as classes e por isso deve ser um movimento apolítico, neutro, exclusivamente pelos direitos das mulheres.”*

Compreendemos também a importância de discutirmos a “Plataforma de Luta pela Emancipação da Mulher Trabalhadora”, explicando a conexão entre as reivindicações imediatas e a luta pelo socialismo.

Para isso, convidamos todas as mulheres trabalhadoras e estudantes a acompanhar as próximas atividades de Mulheres Pelo Socialismo em sua cidade. Entre em contato conosco pelo e-mail [contatomulherespelosocialismo@gmail.com](mailto:contatomulherespelosocialismo@gmail.com) e acompanhe nossas atividades através do facebook da Esquerda Marxista.

Junte-se ao Movimento Mulheres Pelo Socialismo!

ELEIÇÕES

# Plataforma das pré-candidaturas da Esquerda Marxista

ESQUERDA MARXISTA  
jornal@marxismo.org.br

A instabilidade política corre o mundo, fruto da crise do regime capitalista. Partidos tradicionais caem no descrédito, governos se enfrentam com forte oposição popular, a burguesia está dividida e a classe trabalhadora dá seguidas demonstrações de disposição de luta, apesar do bloqueio das direções reformistas e conciliadoras. Tudo isso se expressa em resultados surpreendentes de alternativas antissistema no âmbito eleitoral.

O Brasil está inserido e em sintonia com este quadro internacional. A crise econômica que atingiu em cheio o país em 2014 teve como resultado o ajuste fiscal iniciado pelo governo Dilma e aprofundado pelo governo Temer e o podre Congresso Nacional, com duros ataques contra direitos e conquistas de nossa classe.

Ao mesmo tempo, a disposição de luta na base pôde ser vista no primeiro semestre de 2017, com a maior greve geral da história do país. Brasília foi tomada por 100 mil manifestantes sob forte repressão, uma onda ascendente que só não foi mais longe pelo papel vergonhoso das direções sindicais, da CUT em especial como maior central sindical do país, que desmontaram novas greves gerais e levaram campanhas sem mobilizar de fato suas bases.

O ano de 2018 começa quente. A execução da vereadora do PSOL/RJ, Marielle

**ESQUERDA  
MARXISTA**



**PSOL 50**

Franco, desatou manifestações massivas pelo país, que apontaram o repúdio ao assassinato, mas também o ódio aos governos, à intervenção federal no RJ, e à Polícia Militar, reivindicando investigação independente da execução de Marielle. Somou-se a isso a vigorosa greve dos professores e servidores da cidade de São Paulo, com grandiosas manifestações contra a Reforma da Previdência do prefeito João Doria.

Neste cenário ocorrerão as eleições de 2018. A burguesia tem dificuldades em encontrar um nome que apareça como “novo”. Ela tem criado “novos movimentos” para a formação de quadros políticos que defendam uma “política liberal”, construindo escolas e cursos, dando bolsas, visando, se possível, construir um novo partido burguês “limpo” das sujeiras dos velhos partidos. É o caso de movimentos como o “Agora!”, “Acredito”, ou “Renova”. Entretanto, com a recusa de Luciano Huck em se candidatar, uma opção de renovação para aplicar a velha política parece distante para as eleições deste ano.

Diante disso a classe dominante vai se contentando em apostar no nome de Geraldo Alckmin, que não de-

cola nas pesquisas. Bolsonaro aparece como a expressão distorcida e reacionária do ódio da população ao sistema e deve ser desmascarado como mais um candidato de manutenção do atual regime de opressão e exploração da classe trabalhadora.

A burguesia decidiu encerrar a etapa da colaboração de classes e por isso decidiu tirar Lula da disputa através de uma condenação sem provas no âmbito da Lava Jato. Somos contra a Lava Jato por seus objetivos políticos e econômicos burgueses, defendemos o direito de Lula ser candidato, mas não damos nenhum apoio ao candidato Lula ou ao “plano B” que vier do PT. Eles seguem tentando se mostrar como úteis à burguesia e ao imperialismo, aliando-se com aqueles que há pouco tempo chamavam de “golpistas”. Um governo petista será de continuidade da submissão aos capitalistas e não pode oferecer nenhum futuro à luta da classe trabalhadora.

O PSOL pode jogar um importante papel nessas eleições e crescer como uma alternativa de esquerda, mas necessita de uma campanha que se coloque claramente contra o capitalismo, pela revolução e o socialismo, e que nada tem a ver com as falsas

saídas reformistas e a velha conciliação de classes do PT. Este é o sentido que precisa ter a candidatura a presidente de nosso partido, que escolheu Guilherme Boulos para representá-lo.

A Esquerda Marxista, tendência do PSOL, lançará candidaturas nestas eleições sem nenhuma ilusão na farsa da democracia burguesa. Os marxistas intervêm no processo eleitoral e no parlamento lutando pelas reivindicações da classe trabalhadora e construindo as forças da revolução, que tem como tarefa colocar abaixo o Estado burguês, suas instituições, e construir uma nova sociedade, onde a riqueza produzida pela classe trabalhadora não esteja a serviço do lucro de um punhado de capitalistas, mas da satisfação das necessidades e do bem estar da maioria da sociedade.

Com esse sentido, nossas pré-candidaturas (ou nossa pré-candidatura a deputado federal/estadual) apresentam (a) os pontos iniciais de para a plataforma de uma campanha revolucionária e socialista, que está aberta a sugestões de nossos apoiadores:

• **Revogação da Reforma Trabalhista, da Lei das Terceirizações, do congelamento de gastos públicos**

e da Reforma do Ensino Médio!

• **Previdência Pública e Solidária para todos! Pela revogação de todas as “Reformas” da Previdência!**

• **Não Pagamento das Dívidas Interna e Externa!**

• **Transporte, saúde e educação: públicos, gratuitos e para todos!**

• **Abaixo a repressão e a criminalização dos movimentos sociais!**

• **Investigação independente da execução de Marielle! Punição dos culpados!**

• **Fora a intervenção federal do RJ! Fim da Polícia Militar!**

• **Salário Mínimo de acordo com o Piso do Dieese! Reajuste mensal de acordo com a inflação!**

• **Estabilidade no emprego e estatização de todas as empresas que demitam em massa! Estatização da Fábrica Ocupada Flaskô!**

• **Redução da Jornada de Trabalho sem redução de salário!**

• **Reforma Urbana Já! Moradia digna e regularização fundiária para todos!**

• **Reforma Agrária Já!**

• **O petróleo tem que ser nosso! Monopólio e Petrobras 100% estatal!**

• **Pela reestatização da Vale do Rio Doce e de todas as empresas privatizadas!**

• **Fora Temer e o Congresso Nacional! Por um Governo dos Trabalhadores!**

• **Abaixo o capitalismo! Combater pela revolução socialista internacional!**

Junte-se a nós nesse combate!

Assine o **Foice & Martelo**



Um jornal proletário e independente!

Acesse [www.livrariamarxista.com.br](http://www.livrariamarxista.com.br) e assine.

**10**

edições  
R\$ 40

**15**

edições  
R\$60

**20**

edições  
R\$ 80

**40**

edições  
R\$160

## FORMAÇÃO



Conhecida como "Passeata dos 100 mil", protesto reuniu muito mais manifestantes e ameaçou a queda do regime 10 anos antes de seu fim

# Um ano que abalou o mundo: 1968 no continente americano

ARTHUR PENNA  
thurpenna@gmail.com

Ao longo da história, certos acontecimentos abalam as estruturas das ordens vigentes de forma mais violenta que outros, a ponto de tornarem-se verdadeiros epicentros de terremotos políticos e sociais que se estendem por todo o mundo. Esta poderia ser uma definição breve e precisa do que foi o ano de 1968 e o seu significado para o mundo atual.

Naquele ano, a aparente calma nas relações sociais que se via desde o final da Segunda Guerra Mundial foi rompida em muitos países do mundo. As revoltas e mesmo situações revolucionárias ocorridas em 1968 surpreenderam a burguesia, seus agentes e os reformistas de plantão, contentes que estavam em divagar sobre ideias confusas no conforto de suas salas de aula e escritórios.

Quando se ouve falar de 1968, imediatamente somos levados a pensar nos acontecimentos na França em maio daquele ano. Os estudantes e trabalhadores dessa rica nação europeia tomaram as ruas, as universidades e as fábricas naquele que foi, sem dúvida, o maior de todos os movimentos de massa que ocorreram no ano. Mas as ondas de choque desse ano inesquecível para a luta de classes foram muito além das fronteiras francesas, tendo atingido o mundo todo e alcançado o continente americano.

Foi em 1968 que o movimento pelos direitos civis nos EUA, em particular a luta contra as leis raciais em vigência no sul do país desde o fim da guerra civil, expandiu-se para os grandes centros urbanos no nordeste e oeste do país. Uma vez nas metrópoles, a luta dos negros norte-americanos pela igualdade perante a lei entrou em contato com ideias radicais de luta contra o capitalismo. Foi desse contato que nasceu o movimento que ficaria conhecido como "Panteras Negras", organização radical que abordava a luta contra o racismo sob uma perspectiva de classe e se opunha ao racismo de caráter pequeno-burguês.

Nesse mesmo ano, se iniciaria a Ofensiva do Tet, uma estratégia dos vietcongues e do exército do Vietnã do Norte para derrotar as tropas americanas e o regime fantoche no sul do país que era sustentado por elas. Lançada em janeiro de 1968,

os combates se estenderiam até setembro, ocasionando uma série de protestos, nos EUA e no resto do mundo, que exigiam o fim da guerra e a saída dos americanos do Vietnã.

Enquanto isso, um outro governo títere de Washington enfrentava a oposição ferrenha da juventude e dos trabalhadores: a ditadura militar brasileira. Desde a deposição do presidente João Goulart e a instauração do regime autoritário, os militares ainda não haviam sido confrontados com um movimento de oposição tão forte como aquele que se viu em 1968.

A intensa repressão política, desencadeada pelo regime militar desde 1964, chocou o país após a invasão do restaurante universitário da Universidade Federal do Rio de Janeiro, na qual um estudante secundarista, Edson Luis de Lima Souto, de apenas 18 anos, foi assassinado com um tiro a queima

roupa. A revolta da juventude, já bastante latente desde o primeiro dia da ditadura, tomou corpo em uma gigantesca passeata no centro do Rio de Janeiro, que ficaria marcada na história como "a passeata dos cem mil", uma referência ao número estimado de pessoas que tomaram parte do ato. O ato contou com a presença de lideranças estudantis e intelectuais ilustres.

Mas não foi somente dos estudantes que partiu a oposição à ditadura militar brasileira. Nesse mesmo ano, a classe operária também se fez presente nas mobilizações, lançando greves de magnitude considerável, principalmente em Osasco, na fábrica da Cobrasma, e na cidade de Contagem, em Minas Gerais. A crescente oposição operária, somada às já massivas manifestações estudantis, foi o que levou os militares a lançarem o infame AI-5, medida que inaugurou os anos de chum-

bo da repressão política no Brasil.

Na outra ponta da América Latina, os estudantes mexicanos também protagonizariam um gigantesco levante contra o sistema. Aproveitando o fato de que dali a alguns dias seriam realizados os jogos olímpicos na Cidade do México, os jovens intensificaram os protestos que já vinham acontecendo desde o começo do ano, inspirados nos que se viam ao redor do mundo. O governo mexicano, desesperado diante da possibilidade de ver as olimpíadas no país marcadas pelos protestos e ansioso para por um fim ao movimento, parte para o ataque com uma brutalidade poucas vezes vista mesmo na violenta história do país. As estimativas mais baixas giram entre 200 a 300 vítimas dos disparos de policiais e militares contra estudantes desarmados.

Embora não tenham sido vitoriosas, as explosões sociais vistas em 1968 são exemplos de coragem da juventude e dos trabalhadores na luta contra seus opressores. A necessidade de aprender com as lições e os erros cometidos nessa época tornam o estudo dos muitos acontecimentos que marcaram este ano uma tarefa obrigatória para os que pretendem manter vivos os sonhos daquela geração: destruir o capitalismo e construir uma nova sociedade, na qual todos possamos ser realmente livres de toda a opressão e exploração.



Protesto de 1968 em Tlatelolco, no México, uma demonstração de toda a agitação que marcou o país naquele ano

## INTERNACIONAL

# Trump e sua guerra comercial: existe saída dentro do capitalismo?

CECÍLIA DA SILVA  
cecilia\_ufsc@hotmail.com

No início de março, o presidente dos EUA, Donald Trump lança em seu Twitter: “Quando um país (os EUA) está perdendo muitos bilhões de dólares no comércio com todos os países com que negocia, as guerras comerciais são boas e fáceis de ganhar”. Este tweet não está desconectado de sua política. Pelo contrário, ele se materializa em ações, como a anunciada há duas semanas: elevação das tarifas sobre as importações de aço e alumínio e sobretaxas sobre importações da China no valor de 60 bilhões de dólares.

Este anúncio causou grande alvoroço no mercado mundial. O aumento nas tarifas de importações do aço em 25% e do alumínio em 10% trará retaliações a vários países, especialmente à China e aos estados que compõem a União Européia. Após o anúncio, as três bolsas mais importantes do mundo (Dow Jones, Nasdaq e S&P500) anunciaram quedas.

Não só os grandes capitalistas desses países, que serão mais afetados diretamente, mas do mundo inteiro (inclusive dos próprios EUA) estão alertas com relação à guerra declarada por Trump. Ricardo Azevedo, diretor-geral da Organização Mundial do Comércio (OMC), advertiu: “Uma guerra comercial não interessa a ninguém!”. Gerry

Rice, porta-voz do Fundo Monetário Internacional (FMI), declara que “as restrições às importações anunciadas pelo presidente dos EUA provavelmente causarão danos não somente fora dos EUA, como também à própria economia americana”.

A política protecionista de Trump na perspectiva do “empobrece-ao-teu-próximo” é parte de suas promessas de campanha em 2016, na qual falava da defesa do trabalhador e da indústria americana. Seu lema é “América Primeiro” e o resto do planeta que se exploda.

Mas quais as consequências desta política? Há chances dos EUA se salvaguardarem de uma nova recessão mundial criada por eles mesmos? Até que ponto esta é uma guerra comercial?

Aprendendo com a história, observamos semelhanças entre o momento atual e a recessão de 1930. Em junho de 1930, o então presidente dos EUA, Herbert Hoover, promulgou uma lei que impôs tarifas significativas sobre bens importados. O Canadá e a Europa, por retaliação, introduziram tarifas protecionistas que serviram para aprofundar a Depressão. O mercado mundial entrava em colapso. Em 2008, tivemos outra recessão mundial, a qual nos afeta até hoje.

O capitalismo passa por crises cíclicas, inerentes a sua constituição. O período de intervalo entre uma crise



e outra está diminuindo. O sistema não mostra sinais de recuperação. Existem várias contradições inerentes ao sistema, mas a tendência à superprodução é a principal. Entretanto, se o produto não escoar no mercado, a queda da venda resultará na queda dos lucros.

Existe, então, solução para os trabalhadores e a indústria americana? Como esta política pode representar um aumento na criação de empregos tão propagandeada por Trump? Em que medida esta guerra comercial é de interesse dos trabalhadores americanos? Em que medida esta guerra comercial é de interesse das empresas americanas, sendo que várias delas têm sua sede e produção na China? Em que medida esta é uma verdadeira guerra comercial?

Até agora, a burguesia dos EUA tem conseguido conter as manifestações e a raiva da classe operária. Mas ela vai se manifestar, tanto nas grandes mobilizações, como a que recentemente a juventude protagonizou, como também nas greves e manifestações operárias. Até agora, todo o aparato sindical, da mídia e do Partido Democrata tem sido no sentido de dirigir a raiva para as eleições parlamentares deste ano no país. Contudo, isso não tem muito sentido para os trabalhadores, já que não há, no momento, uma alternativa de um partido da classe operária nos EUA. Sim, haverá um

aumento de voto nos democratas e provavelmente em candidatos independentes. Porém, as greves e manifestações virão, com ou sem eleições, e a burguesia teme isso mais que nunca.

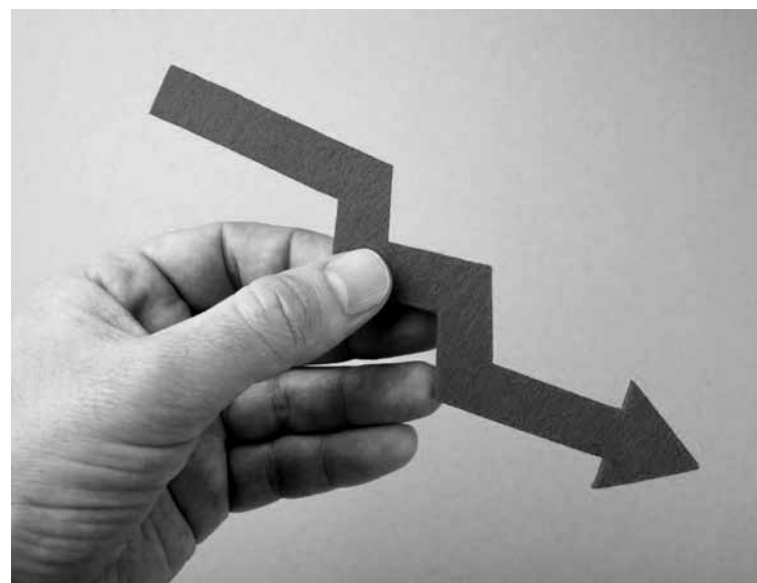
Dentro deste cenário de turbulências está o Brasil. Os jornais capitalistas especulam as retaliações que o país pode sofrer, já que é o segundo país que mais vende aço para os EUA, perdendo somente para o Canadá.

As respostas à crise de 2008 nos clarificam um pouco sobre o futuro. As expressões de Corbyn na Inglaterra, Mélenchon na França, o PO-DEMOS na Espanha e Bernie Sanders nos EUA nos mostram que as respostas dos trabalhadores caminham cada vez mais contra este sistema capitalista que oprime e suga o operariado, sem dar perspectivas de avanços e respiros.

É por isso que afirmamos que não há esperança dentro do capitalismo. A guerra capitalista só serve para produzir violência e morte dos trabalhadores. Àqueles que tudo produzem, o que o capitalismo entrega é fome e destruição.

Somente em uma sociedade socialista, na qual a economia é planejada e está sob o controle democrático dos operários, é que se pode oferecer um caminho a seguir. É preciso abolir a tirania do mercado obcecado pelos lucros para transformar a produção como bem coletivo de todos.

As ameaças de Trump são a ponta do iceberg deste sistema podre que está a desmoronar. Mas é necessária a força de toda classe trabalhadora para pô-lo ao chão e construir outra sociedade, a socialista!



## JUVENTUDE

# FIM DO ENSINO MÉDIO, EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E NOSSAS TAREFAS

MARITANIA CAMARGO  
maritaniac@gmail.com

A Reforma do Ensino Médio aprovada no ano passado por Temer e gestada na última década traz na sua essência o objetivo de acabar com o educação pública, gratuita e para todos. Essa é uma discussão central e todo militante precisa estar consciente.

No final de fevereiro e durante o mês de março deste ano, os grandes jornais do país veicularam reportagens sobre palestras que estão sendo realizadas tanto pelo MEC<sup>1</sup>, quanto o CNE<sup>2</sup>, que tratam do novo modelo e que será implementado até 2020.

É importante lembrar que não há nada de novo. O governo está é viabilizando como colocar em prática a Reforma, o que em muitos estados já está sendo aplicado em doses homeopáticas.

O problema é que os grandes jornais deram, no último mês, manchetes muito realistas e afirmaram que o governo Temer quer 40% do Ensino Médio à distância e apenas Português e Matemática como componentes obrigatórios. Com isso novamente a discussão ganhou força e o governo precisou inclusive soltar uma nota explicando o inexplicável. Ironicamente chama o CNE de órgão independente e age como se o governo não soubesse do que os jornais estão publicando, uma falácia brutal, pois essa é a aplicação da Reforma.

“1. Não é verdade que o governo queira liberar 40% do ensino médio na modalidade de Educação a Distância (EAD). O MEC não encaminhou nenhuma sugestão ao Conselho Nacional de Educação (CNE) e

discorda dessa proposta que está em discussão;

2. O texto das Diretrizes Nacionais Curriculares do Ensino Médio ainda é objeto de discussão no CNE – órgão responsável pela definição e aprovação –, sem prazo para terminar, e passará, posteriormente, por audiência pública.

3. Apenas depois de todo esse processo é que a proposta será encaminhada ao MEC pelo CNE, para ser homologada ou não pelo ministro da Educação.

4. O CNE é um órgão independente e tem autonomia para deliberar sobre o tema.” (nota oficial do MEC de 20/04)

Vê-se um visível desespero de que a discussão retorne com força. Apesar da maior parte absoluta dos sindicatos e entidades estudantis silenciarem sobre isso no último período e se recusarem a explicar e construir as bases para a derrubada da

reforma, a discussão mais uma vez volta à tona.

Está evidente, neste momento, para que qualquer um entenda, que as intenções do governo são de pôr fim a educação.

A nossa tarefa continua, sem dúvida, sendo a de explicar em cada sala de aula, em cada sala de professores, a cada pai, o significado desta Reforma. O desnude do sistema, no último período, gera revolta por todos os lados: as manifestações por Marielle, a greve dos professores de São Paulo dão o tom do que está maculado no povo trabalhador, as direções traidoras do movimento não estão conseguindo segurar suas bases e muito, ou tudo, ainda está por vir, por isso. É preciso muito combate contra a Reforma do Ensino, pois esta é mais uma ponta de fio embebido em material inflamável que está prestes a ser aceso.



## REPRESSÃO



PEDRO HENRIQUE CORRÊA  
jornal@marxismo.org.br

A intervenção federal por meios militares no Rio de Janeiro continua liberando sua cortina de fumaça para as contradições sociais, com apoio da grande mídia monopolizada. Assim como a classe dominante de uma época não consegue pensar em soluções para conflitos sociais que possam ameaçar no futuro o seu próprio posto de comando, a mídia controlada por essa classe é cega para suas reportagens passadas se elas trazem acontecimentos que ameacem o motivo de sua existência, que é legitimar e defender seus sponsors (patrocinadores). Todos os documentos oriundos de atuações passadas das forças armadas no Rio de Janeiro demonstram o fracasso da bandeira que levantam. Sendo assim, a intervenção mostra uma atitude desesperada, que evidencia a falta de opções da burguesia e de seus governantes em reerguer a Nova República, que não para de se fragmentar. Os que mais sofrem com essa guerra são principalmente jovens em plena idade produtiva, majoritariamente negros e pobres moradores de favelas.

É fácil perceber que nas favelas e em bairros pobres e proletários a participação ilegal do Estado na manutenção dos grupos de traficantes e milicianos armados despóticos é um pesadelo sem fim para seus moradores. Nesse sentido, tanto o tráfico, a milícia, a polícia ou o exército fazem parte de um mesmo aspecto objetivo: apesar de nem sempre comporem a mesma instituição e terem fontes de sustento distintas,

umas mais impostas que outras, nenhum desses grupos existe para defender ou proteger o povo (a maioria) contra uma minoria que age somente em busca do próprio prazer, como diria Rousseau sobre o “contrato social”. Alguns grupos se proclamam abertamente como defensores do povo. Contudo, em nenhum deles o povo pode participar democraticamente, com exceção da participação enquanto obstáculo ou destino para os projéteis das armas de fogo. Mas por quê?

Atrás da cortina de fumaça está a negação do que defendeu Rousseau. Todos estes recursos (milícia, tráfico, polícia, exército) são usados como saídas, mais ou menos deliberadas ou desperadas, para manter o controle de uma minoria sobre a maioria. Tendencialmente, onde há maior pobreza haverá também mais contradições e indignados contra o sistema. Sabiamente, a burguesia patrocina seitas, ONGs e empresas para que se expandam nestes locais e nutram esperanças para além da vida (religião) ou em saídas “empreendedoras”; já que a esperança real para a vida é derrubar este sistema. Quando nem isso é suficiente, bastou criar e nutrir uma guerra que arrancasse apoio da pequena burguesia reacionária e do proletariado atrasado melhor remunerado. Mas nem isso vem bastando. Eis que surge a intervenção: uma mostra de poderio bélico do Estado burguês e de desespero da classe que o controla, já que não há hoje força humana organizada mais potente em uma sociedade burguesa que as forças armadas. Eis que mais corpos de jovens favelados então “aparecem”, sem vida.